

ATAS DO XVI ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE

O amanhã possível: história da arte em tempos de crises socioambientais

Programa de Pós-Graduação em História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Coordenadora Docente

Prof. Dra. Patrícia Dalcanale Meneses

Comissão Organizadora Discente

Alvaci Mendes da Luz

Ana Carolina Magalhães Salvi

Gabrieli Priscila Simões

Janaína da Silva Fonseca

Letícia Asfora Falabella Leme

Letícia Carvalho Diniz

Luccas Eduardo Castilho Maldonado

Thiago do Amaral Biazotto

Editoração das atas do evento

Fanny Lopes

Apoio

Programa de Pós-Graduação em História – IFCH/Unicamp

Secretaria de Eventos – IFCH/Unicamp

Apresentação

É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo. Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível.

Ailton Krenak

O tema eleito pela comissão organizadora para o XVI Encontro de História da Arte foi “O amanhã possível - História da arte em tempos de crises socioambientais”. A reflexão de Ailton Krenak nos conduz a questionar: o que podem os historiadores de arte fazer diante de problemas planetários urgentes? Que métodos existentes na História da Arte e Estudos Visuais podem ser adaptados, refeitos ou revividos para facilitar as investigações ecocríticas na História da Arte?

Em *The Ecological Eye* (O olho ecológico), Andrew Patrizio afirmou que, para se tornar ecocrítica, a História da Arte precisa ampliar os objetos de suas obsessões, mas também deve abandonar seu elitismo residual, destacando a potência deste campo de estudos para despertar novas sensibilidades rumo a horizontes possíveis - um chamado da teoria à ação. No mesmo sentido, Guattari, já no final da década de 1980 em seu *As três ecologias*, apontava para a possibilidade de que uma relação mais harmônica, deshierarquizada e horizontal com o planeta e as outras espécies pudesse outorgar consequências salutares não somente aos vínculos externos da humanidade com a fauna e flora, mas - e sobretudo - oferecer alternativas de vivências mais plurais e inclusivas no interior de nossa própria espécie.

Em busca de aportes metodológicos e abordagens epistemológicas mais arejadas e conectadas às questões socioambientais candentes, um dos caminhos possíveis para a História da Arte é ampliar cada vez mais o escopo dos objetos de suas investigações para além da Tradição Clássica e do cânone ocidental. Uma das possibilidades é, a partir do estudo de artes ameríndias - e compreendendo a existência de múltiplos sistemas de conhecimento - questionar paradigmas e ampliar as possibilidades de compreensão de formas artísticas nas quais a natureza desempenha um papel agente. Nesse sentido, a História da Arte pode, assim, ser repensada à luz daquilo que Marisol de la Cadena nomeou como “antropo-cego”, ou seja, um processo de criação de mundo por meio do qual mundos heterogêneos que não se fazem com uma divisão entre humanos e não humanos são obrigados a operar com essa distinção, ao mesmo tempo que a excedem.

A história das técnicas de arte também pode oferecer lições em sua atenção a materiais como os pigmentos e em sua capacidade de atravessar escalas desde a molecular até a geológica. Se desde as contribuições de autores como Arjun Appadurai, Bruno Latour e Alfred Gell a mirada da História da Arte a aspectos como a materialidade dos objetos, sua capacidade de agir no âmbito das relações sociais e a relevância do suporte material para a circulação (e ação) das imagens tornou-se cada vez mais atenta, às questões ambientais que hoje assaltam nosso planeta tratam de reforçar a relevância dessa abordagem, quer seja no esforço já aludido de dilatar os sujeitos estudados pela disciplina, quer seja fornecendo novas interpretações a obras fartamente estudadas.

Com base na urgência dessas reflexões, o XVI Encontro de História da Arte convidou pesquisadores a apresentarem trabalhos que fomentassem reflexões sobre as possíveis maneiras da História da Arte articular visões alternativas do mundo, elucidando as ecologias de interconexão entre matéria e nossas percepções e emoções.

Acreditando na importância de ocupar os espaços públicos de produção de conhecimento em humanidades e retomar as atividades na Universidade após anos de isolamento social devido à pandemia, o Encontro de História da Arte, que desde a edição de 2020 havia ocorrido de forma remota, em 2022 voltou ao formato presencial, recebendo no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, entre os dias 24 e 27 de outubro, 52 comunicações livres e 7 mesas redondas.

Paralelamente, parte da comissão organizadora também foi responsável pela curadoria e organização da exposição “DA TERRA À TERRA”, na Galeria de Arte do Instituto de Artes (GAIA/Unicamp). A mostra integrou os debates do evento e trouxe à cena obras que perpassam reflexões acerca da ação humana na/sobre/pela terra, sendo um chamado a pensar sobre a urgência das questões socio-climáticas.

A conferência de abertura, intitulada “Awakening to the power of Ecocritical Art History: an introduction and invitation to action” contou com a participação do professor Andrew Patrizio, da Universidade de Edimburgo e foi mediada pela professora Patrícia Dalcanale Meneses (Unicamp). No dia 25, tivemos duas mesas redondas. Pela manhã, a primeira, abordou o tema “Arte Indígena” composta pelo artista Aislan Pankararu, a curadora e pesquisadora Sandra Benites e mediação da professora Fernanda Pitta (MAC-USP). Pela tarde, recebemos os professores Gabriel Ferreira Zacarias (Unicamp), Sérgio Bruno Martins (PUC-Rio) e a professora Galciani Neves (FAAP) em uma mesa redonda com o tema “Arte e ambiente no capitalismo tardio”.

No dia 26, a mesa redonda “Qual arte no futuro?”, mediada pelo professor Marcos Tognon (Unicamp) teve participação de Agnaldo Aricê Farias (USP), Rodrigo Vivas (UFMG) e Emerson Ribeiro Castilho (Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu). No dia 27, os professores Luiz Marques (Unicamp) e Patrícia Dalcanale Meneses discutiram “Cultura visual e projetos de destruição no Brasil nos séculos XIX e XX”, com mediação da professora Iara Lis Schiavinatto (Unicamp). Por fim, a mesa de encerramento do XVI Encontro, “Histórias da arte: uma dialética amorosa”, foi proposta como homenagem ao professor Jorge Coli, e além do homenageado, contou com a participação de Renata Bittencourt (Instituto Moreira Salles) – que também leu um texto enviado pela professora Ana Gonçalves Magalhães (MAC-USP) –, Martinho Alves da Costa Júnior (UFJF) e Alexander Gaiotto Miyoshi (UFU).

Afirmando o compromisso do EHA com a atualização dos debates em torno dos estudos de História da Arte e áreas correlatas, apresentamos, através dos 33 textos publicados aqui, os resultados do evento de 2022, que reuniu pesquisadores em nível nacional e internacional empenhados em discutir os caminhos possíveis diante de crises socioambientais tão urgentes.